

Tipos e intensidade da violência percebida por estudantes em escolas públicas e privadas

Leandro Gabriel dos Santos

Resumo: A violência torna-se, cada vez mais, um fenômeno preocupante para a sociedade brasileira. A partir do momento que este fenômeno se manifesta nas escolas, é necessário um estudo em particular, pois, de um ambiente criado para a construção da cidadania, da autonomia e do conhecimento, torna-se um espaço não socializador, que amedronta a comunidade em geral e cria um ambiente de medo e angústia coletiva. O presente trabalho objetiva investigar os tipos e a intensidade da violência percebida por estudantes em escolas públicas e privadas. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário. Este instrumento foi aplicado em quatro escolas do Distrito Federal, sendo duas públicas e duas particulares (categorias do tipo de escola). A variável-chave “ambiente social”, em conjunto com o tipo de escola, determinou a escolha das instituições em que seriam aplicados os questionários junto aos alunos do ensino médio de duas escolas do Plano Piloto e de duas escolas de Ceilândia. Dos resultados obtidos no estudo, no que tange os tipos e intensidade de violência percebida, os *xingamentos* destacaram-se como o principal tipo de agressão na escola. Observa-se, com isso, uma forte presença do *bullying* nas escolas estudadas.

Palavras-chave: Violência escolar; Tipos de violência; Intensidade da violência.

Abstract: Violence becomes increasingly a worrying phenomenon for Brazilian society. From the moment that this phenomenon manifests itself in schools, in particular a study is necessary, therefore, created an environment for the construction of citizenship, autonomy and knowledge, becomes a non socializing space, which frightens community general and creates an environment of fear and collective anguish. The present study aims to investigate the types and intensity of violence perceived by students in public and private schools. The data collection instrument used was a questionnaire. This tool was applied to four schools of the Federal District, with two public and two private (categories of school type). The key variable "social environment", together with the type of school, determined the choice of the institutions that the questionnaires would be applied together with high school students from two schools in one part and two schools Ceilândia. The results obtained in the study, regarding the types and intensity of perceived violence, swearing stood out as the main type of aggression at school. We observe, therefore, a strong presence of bullying in the schools.

Keywords: School violence; Types of violence; Intensity of violence.

Introdução

O presente estudo foi inspirado por uma enquete exploratória¹ que fora desenvolvida no âmbito de um curso de especialização e que visava comparar a percepção de alunos de escolas públicas e particulares acerca da violência escolar.

A violência é um dos fenômenos mais discutidos contemporaneamente. Não seria exagero falar de uma “quase onipresença” do tema em todos os lugares e segmentos sociais (países ricos e pobres, empresários e trabalhadores, governo e sociedade etc.). A chamada violência juvenil, em particular, ganha, a cada dia, mais destaque no debate público. Um estudo da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) trazido por Almeida (2005) revela que, no período de 1999 e 2000, a violência foi o tema relacionado à infância e à adolescência que atingiu o maior percentual de aumento no que se refere à abordagem pela mídia escrita brasileira.

A própria escola, instituição que pressupõe e que visa promover uma cultura de paz, sem o quê é impossível educar de verdade, vê-se atormentada por atos de violência (pichações, *bullying*, etc...). Ainda que a violência na escola não seja tão ostensiva quanto fora dela, os membros da comunidade escolar vivem com medo e sentem-se permanentemente ameaçados. Essa configuração gera o aumento da angústia social (CHARLOT, 2002).

É de fundamental importância o estudo da violência, na medida em que esta afeta os mais diferentes âmbitos da sociedade, em particular, as instituições escolares de várias regiões brasileiras, independente de serem de âmbito público ou privado.

Violência: um conceito polissêmico

Antes mesmo de saber o tamanho do problema da violência em determinado contexto social, em termos empíricos, e identificar as suas principais causas, os estudiosos enfrentam dificuldades na própria conceituação desse fenômeno.

Para Touraine (1995), a violência é a expressão da exclusão social e um dos maiores fenômenos do nosso tempo, decorrente das crises e do desaparecimento dos controles sociais, políticos e econômicos.

Michaud (1989, p.10-11) afirma que:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

¹ SANTOS, Leandro G., 2005. **A percepção de alunos sobre a temática da violência escolar: um paralelo de uma escola da rede pública e outra da rede particular**. Curso de Especialização em Administração da Educação, UnB. Brasília, 2005. Monografia.

Entre as várias formas pelas quais a violência se realiza, para Itani (1998), “as mais nocivas abrigam-se na legalizada” (como exemplo, a violência policial) e “institucionalizada” (ação dos agentes educativos), consideradas quase invisíveis aos olhos do cidadão. A violência, segundo a autora, “se institucionaliza pela reprodução da desigualdade como algo natural”.

Segundo Costa (1999), o conceito de violência varia de acordo com a cultura, a sociedade e o momento histórico de seu enfoque. Portanto, do ponto de vista acadêmico, definir violência não é considerada uma tarefa simples, visto que o conceito em questão abarca uma diversidade de concepções e visões de mundo.

Sob a ótica da concepção marxista, “não é o emprego da violência que produz as transformações sociais”, mas são estas transformações que passam pela violência (MICHAUD, 1989, p.14). A ação violenta, por si só, não promove mudanças. É preciso que estejam reunidas as condições econômicas e sociais, já que a violência “é determinada pelo estado econômico e não o contrário”.

Durkheim (1934 apud SINGER, 2010, p.27) enfatiza que a educação serve como um “fator de normatização”. Neste caso, a escola tem um importante papel: o de contribuir na manutenção das estruturas sociais vigentes, assim como na transmissão de valores sociais dominantes. Porém, fica a questão: em detrimento do viés de transformação (como defendem os teóricos críticos), será que o papel conservador da escola não vem contribuindo para a disseminação de casos de violência em seu próprio interior?

Procedimentos metodológicos adotados neste estudo de campo

Esta pesquisa seguiu uma abordagem quantitativa, tendo como público participante 358 estudantes de duas escolas públicas e duas escolas particulares de Brasília-DF.

Optou-se em trabalhar com estudantes apenas do turno diurno (períodos: matutino e vespertino). Não foram incluídos os alunos do noturno, pelo fato de praticamente inexistirem escolas particulares no DF que ofereçam ensino médio regular à noite.

Escolheu-se, ainda, por realizar a pesquisa somente entre os alunos. Tendo em vista que já havia sido difícil obter a autorização de quatro escolas para aplicar os questionários, decidiu-se não arriscar esse relativo “trunfo” insistindo com as escolas para autorizar o contato com os pais ou mesmo com os professores. No caso dos professores, em particular, por se tratar de um grupo relativamente pequeno em cada escola, as taxas de retorno precisariam ser muito elevadas para que a própria tabulação estatística fizesse algum sentido.

O instrumento para a coleta dos dados foi um questionário aplicado junto aos estudantes das escolas pesquisadas. Os dados foram trabalhados em nível descritivo, ou seja, não se realizaram testes estatísticos propriamente ditos com eles, posto que esses testes são inferenciais e o plano amostral adotado não possui a robustez necessária para esse tipo de generalização.

Resultados: Tipos e intensidade da violência percebida

A tabela 1 mostra a incidência de inúmeros tipos de agressões e a intensidade com que ocorrem no dia-a-dia das escolas pesquisadas.

Tabela 1 – Tipos e intensidade de agressões na escola (%) *

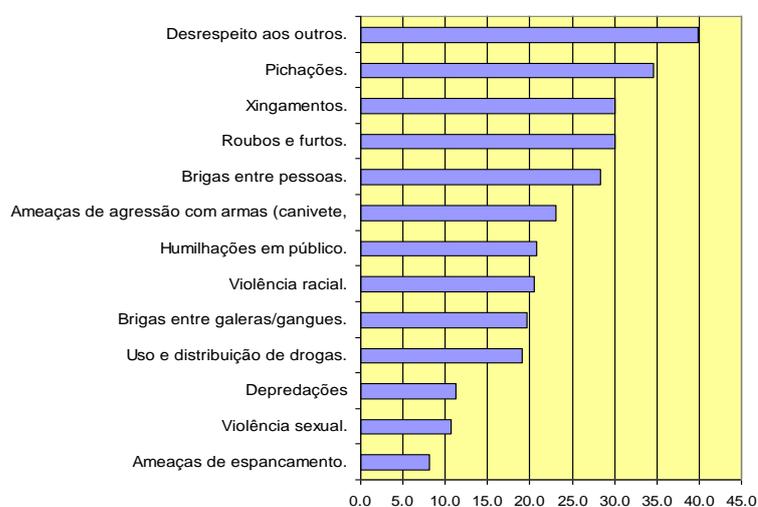
	Nunca	As vezes	Sempre	Total
Ameaças de agressão com armas (canivete, revólver, etc)	76.5	22.4	1.1	100.0
Ameaças de espancamento	50.9	40.3	8.9	100.0
Brigas entre galeras/gangues	41.8	48.9	9.3	100.0
Brigas entre pessoas	10.7	75.6	13.8	100.0
Depredações	53.6	31.1	15.4	100.0
Desrespeito aos outros	7.9	51.8	40.3	100.0
Humilhações em público	28.1	51.1	20.7	100.0
Pichações	12.4	38.1	49.4	100.0
Roubos e furtos	24.5	55.0	20.5	100.0
Uso e distribuição de drogas	66.1	24.0	9.9	100.0
Violência racial	44.4	44.9	10.7	100.0
Violência sexual	85.2	12.3	2.6	100.0
Xingamentos	1.1	23.2	75.7	100.0
ESCALA DE AGRESSÕES NA ESCOLA (0 a 10 pontos)		= 4.1 pontos (média)		

*

A escala de agressões (de 0 a 10) apresentada na parte inferior da tabela corresponde ao somatório de todos os indicadores da tabela. Para efetuar o cálculo, pontuamos as categorias da seguinte forma: nunca = 0 pontos; às vezes = 5 pontos; e sempre = 10 pontos.

Observa-se que os alunos destacam, sobretudo, a prática constante de xingamentos (75.7% deles afirmaram que esse tipo de agressão sempre ocorre na escola). Ressaltam também a ocorrência freqüente de pichações e desrespeito aos outros. Apesar de a questão não especificar se os xingamentos e desrespeito aos outros ocorrem, sobretudo entre os próprios alunos, não seria imprudente interpretar os dados nessa direção, o que significa dizer que o *bullying* está fortemente presente nas instituições estudadas. Indagou-se, outrossim, os alunos, sobre os problemas de violência cujo combate consideram mais urgente. As respostas são apresentadas no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Problemas de agressão na escola que o respondente atacaria primeiro (múltipla escolha - %)



O desrespeito aos outros seria o tipo de agressão mais combatido pelos alunos, caso pudessem resolver o problema em suas respectivas escolas. Em segundo lugar, as pichações e, no terceiro lugar, dividem os xingamentos e os roubos e furtos, resultado que se configurou similar à tabela anterior, que atina aos “tipos e intensidade de agressões na escola”, porém, desta vez, em ordem inversa de destaque.

Observa-se, mais uma vez, que os jovens sentem-se de fato muito incomodados pelas práticas de desrespeito no seu dia-a-dia.

Perguntados se já viram algum aluno portando algum tipo de arma na escola, 14.8 % dos alunos, conforme se verifica na tabela 2, afirmaram que sim, ao menos uma vez. Trata-se de um fato preocupante.

Tabela 2 – Armas na escola (%) *

	Nunca	Uma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	Total
Arma de fogo (revolver, pistola) na escola	85.1	10.3	3.1	1.4	100.0
Arma branca (canivete, faca) na escola	57.2	24.8	15.8	2.3	100.0
Outro tipo de arma (pedra, soqueira) na escola	64.1	11.7	16.5	7.7	100.0
ESCALA DE ARMAS NA ESCOLA (0 a 10 pontos)	= 1.7 pontos (média)				

* A escala de armas (de 0 a 10) corresponde ao somatório de todos os indicadores da tabela. Para efetuar o cálculo, pontuamos as categorias da seguinte forma: nunca = 0 pontos; uma vez = 3,3 pontos; algumas vezes = 7,7 pontos; muitas vezes = 10 pontos.

Indagados se já viram algum colega usando algum tipo de droga (lícita ou ilícita) nas dependências da escola, metade dos alunos afirmou, conforme se verifica na tabela 3, que o consumo de álcool e de cigarro é muito freqüente na escola.

Tabela 3 – Drogas na escola (%) *

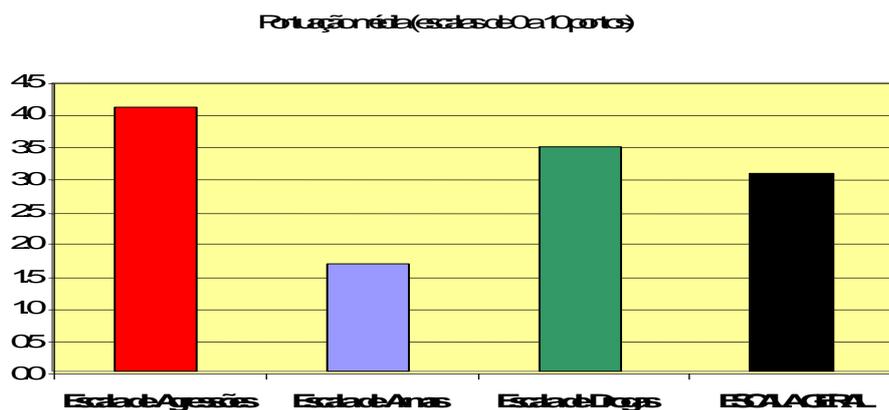
	Nunca	Uma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	Total
Álcool (cerveja, pinga)	8.4	11.5	30.6	49.4	100.0
Cigarro	15.1	6.2	28.3	50.4	100.0
Maconha	57.7	7.7	19.0	15.6	100.0
Inalante (éter, cola, lança)	71.7	4.9	12.9	10.6	100.0
Cocaína	88.3	4.3	3.4	4.0	100.0
Crack	94.0	2.6	1.7	1.7	100.0
ESCALA DE DROGAS NA ESCOLA (0 a 10 pontos)	= 3.5 pontos (média)				

* A escala de drogas (de 0 A 10) corresponde ao somatório de todos os indicadores da tabela. Para efetuar o cálculo, as categorias foram pontuadas da seguinte forma: nunca = 0 pontos; uma vez = 3.3 pontos; algumas vezes = 7.7 pontos; muitas vezes = 10 pontos.

Também o uso de maconha e de inalantes foi, relativamente, acentuado, o que é preocupante. Drogas consideradas mais pesadas, como é o caso da cocaína e do crack, aparecem com baixas freqüências. Todavia, é também muito preocupante, se proceder-se a uma análise sob a perspectiva de que essas drogas aparecem nos ambientes escolares e podem, perfeitamente, ganhar mais espaços, tornando os jovens dependentes do consumo de tais substâncias.

No Gráfico 2, abaixo, descreve-se a construção feita de uma escala geral de violência percebida a partir do somatório das três escalas específicas (agressões, armas e drogas). Assim, escala geral = (escala de agressões + escala de armas + escala de drogas)/3. Observa-se, portanto, que os indicadores de agressões são os que mais contribuem empiricamente na composição da escala geral de violência.

Gráfico 2 – Escalas específicas e geral de violência percebida (todas de 0 a 10 pontos)



Perguntados se já haviam sido vítimas de violência, agredido alguém ou as duas coisas, o conjunto dos alunos responderam conforme consta na tabela 4.

Tabela 4 – Vítima, algoz ou ambos (%)

		%
Já agrediu ou foi agredido na escola?	Nunca	70.3
	Já foi vítima	10.3
	Já foi vítima e algoz	8.9
	Já foi algoz	10.6
Total		100.0

Conquanto 70% dos respondentes afirmem nunca ter se envolvido pessoalmente em episódios de violência, 30% já vivenciaram esse tipo de situação. Além de envolver um contingente considerável de pessoas (3 em cada 10 alunos!), a ocorrência de agressões contribui para gerar um ambiente de insegurança no seio da comunidade como um todo e da comunidade escolar em particular.

A tabela 5 apresenta um conjunto de indicadores de insegurança coletiva.

Tabela 5 – Indicadores de insegurança (%)

Indicadores		%
Considera que a violência em sua escola está	Diminuindo	36,1
	A mesma	51,1
	Aumentando	12,8
	Total	100,0
Considera que o respeito pelos professores em sua escola está	Diminuindo	26,5
	O mesmo	62,8
	Aumentando	10,7
	Total	100,0
De uma maneira geral, você diria que sente	Tão seguro na escola quanto em casa	24,6
	Mais seguro em casa	60,3
	Mais seguro na escola	1,1
	Inseguro tanto em casa quanto na escola	13,9
	Total	100,0
1) Rua é um lugar de perigo (assaltos, acidentes de trânsito). 2) Rua é um lugar de diversão (passear, shows). 3) Rua é um espaço de locomoção (ir ao trabalho, fazer compras).	Concordo mais com a primeira	28,7
	Concordo mais com a segunda	38,4
	Concordo mais com a terceira	32,8
	Total	100,0
Os meus melhores amigos ou amigas	Não são meus parentes e não estudam na minha escola	25,0
	Não são meus parentes, mas estudam na minha escola	42,8
	São meus parentes, mas não estudam na minha escola	24,1
	São meus parentes e estudam na minha escola	8,1
	Total	100,0

É importante notar que apenas um segmento minoritário dos alunos, aproximadamente 10% deles, considera que a violência na sua escola e o desrespeito pelos professores está aumentando. Aproximadamente um terço deles, aliás, acredita mesmo que a violência contra a escola está diminuindo e o desrespeito pelos professores está aumentando. Nem por isso, contudo, a escola aparece como um abrigo tão seguro quanto a própria casa (60,3% deles sentem-se mais seguros em casa).

Quando focalizamos especificamente a percepção do jovem sobre a rua, observamos que a rua é “neutra”, um mero espaço de locomoção, apenas para 32,8% dos respondentes. Para 38,4% dos jovens, a rua é interpretada principalmente em termos positivos, como um *lugar de diversão (passear, shows)*. A afirmativa com a qual os jovens menos concordam (28,7%) considera a rua como um *lugar de perigo (assaltos, acidentes de trânsito)*. Naturalmente, não se pode inferir daqui que a rua seja efetiva e principalmente um lugar de diversão. Em verdade, os estudos de Javier Elzo (2000) apontam mesmo a existência de uma correlação positiva entre o estilo de vida notívago dos jovens e o envolvimento em episódios violentos.

Outro dado a ser descrito é o fato dos melhores amigos ou amigas dos estudantes serem, na maioria, da própria escola. Laços de amizade são construídos nos ambientes escolares e muitos deles seguem por toda a vida. É bom dizer também que, em geral, esses melhores amigos não possuem nenhum grau de parentesco.

Considere-se, agora, a percepção dos alunos sobre a maior ou menor ocorrência de violência em função do tipo de escola (tabela 6).

Tabela 6 - Comparação escola pública/particular (%) *

Opinião		%
A violência é a mesma, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares.	Discordo muito	20.1
	Discordo em parte	34.0
	Não tenho opinião formada	5.7
	Concordo em parte	28.9
	Concordo muito	11.3
	Total	100.0
Os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas.	Discordo muito	17.4
	Discordo em parte	18.5
	Não tenho opinião formada	5.9
	Concordo em parte	34.5
	Concordo muito	23.8
	Total	100.0
É mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública.	Discordo muito	23.0
	Discordo em parte	14.3
	Não tenho opinião formada	11.8
	Concordo em parte	25.0
	Concordo muito	25.8
	Total	100.0
A direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouve mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas.	Discordo muito	10.6
	Discordo em parte	13.2
	Não tenho opinião formada	16.5
	Concordo em parte	34.7
	Concordo muito	24.9
	Total	100.0
Os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas.	Discordo muito	15.9
	Discordo em parte	19.0
	Não tenho opinião formada	12.8
	Concordo em parte	24.9
	Concordo muito	27.4
	Total	100.0
OPINÃO DE QUE ESCOLA PARTICULAR CONTROLA MAIS A VIOLÊNCIA (escala de concordância de 0 a 10 pontos) =		5.8 (média)

* Construiu-se uma escala de concordância com a opinião de que as escolas particulares controlam mais a violência (de 0 a 10 pontos), utilizando os indicadores da tabela (exceto o primeiro, que não permite inferir o pendor da comparação). Para efetuar o cálculo, pontuamos as categorias da seguinte forma: discordo muito = 0 ponto; discordo em parte = 2,5 pontos; não tenho opinião formada = 5,0; concordo em parte = 7,5; concordo muito = 10,0.

Antes de serem analisadas cada uma das afirmações descritas na Tabela 6, de um “grosso modo”, as opiniões a favor ou contrárias dadas pelos alunos foram bem divididas.

Na afirmação “a violência é a mesma, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares”, apesar das opiniões divididas, o índice de discordância de tal colocação foi mais acentuado. Talvez essa divisão das opiniões seja, por exemplo, por causa do desconhecimento de muitos alunos que tenham estudado a vida inteira em instituições públicas de ensino, não tendo experimentado o âmbito privado.

Em “os pais de alunos que estudam nas escolas privadas pegam mais no pé dos filhos quanto ao comportamento na escola do que os pais de alunos que estudam em escolas públicas”, o índice de concordância foi maior, o que pode ser reflexo de uma questão meramente financeira. As mensalidades *caras* pagas pelos pais nas instituições particulares podem fazer com que estes exijam mais dos filhos e da própria instituição que se propõe a trabalhar para o desenvolvimento do processo de formação dos jovens.

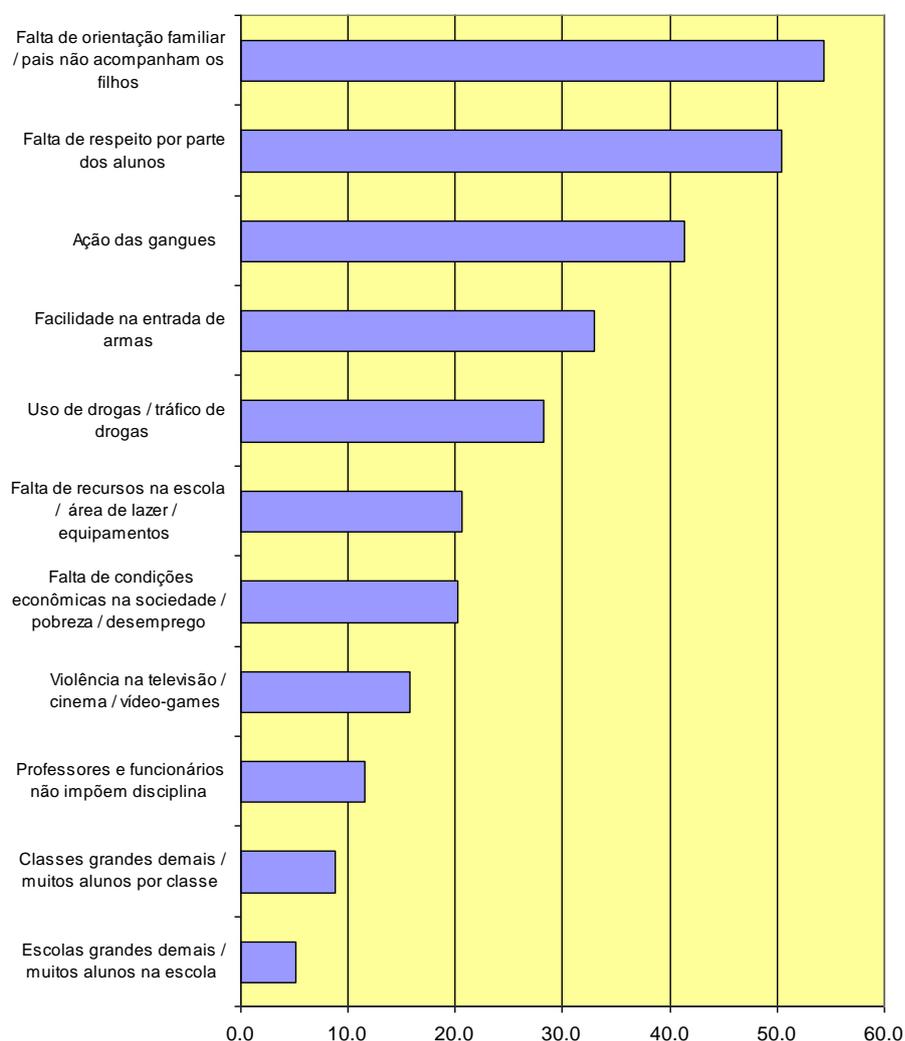
Já em “é mais fácil expulsar um aluno violento de uma escola privada do que de uma escola pública”, o índice de concordância também foi maior. Pode-se afirmar em parte que, para os alunos, as instituições privadas são mais rigorosas e buscam seguir à risca suas normas e regras. Vale ressaltar também a questão da autonomia: talvez as escolas privadas tenham maior poder decisório, no que se refere à expulsão de algum aluno que comete um ato violento.

Na afirmação “a direção e a coordenação pedagógica das escolas privadas ouve mais as reclamações dos alunos do que a direção das escolas públicas”, o índice de concordância foi mais acentuado. Isso entra de acordo com os dados anteriores, reforçando a tendência de que os alunos vêem, nas escolas particulares, maior rigor, melhor definição e clareza das normas e regras a serem seguidas, além de pulso forte da direção e preocupação de seus membros no sentido de resolver ou minimizar os problemas.

Por fim, na afirmação “os professores dão mais atenção aos alunos nas escolas particulares do que nas escolas públicas”, também houve um maior índice de concordância. Isso pode ser causa do intenso processo de desvalorização dos professores, principalmente os da rede oficial de ensino, dado aos baixos salários, elevada carga horária de trabalho e falta de plano de carreira. Os docentes, de forma geral, são melhores remunerados nas instituições privadas, e esse fator pode-se refletir no resultado aqui descrito.

Na percepção dos alunos, geralmente observa-se uma desvalorização dos serviços prestados pelas escolas públicas, em face dos serviços prestados pelas instituições particulares, no que se refere ao trabalho docente e de gestão pedagógica. Muitos acreditam que esses serviços funcionam mais nas instituições de âmbito privado.

Consideremos, agora, as causas atribuídas pelos jovens à violência (gráfico 3).

Gráfico 3 – Causas atribuídas à violência (múltipla escolha - %)

No que tange às causas atribuídas à violência nas escolas, os alunos deram maior destaque à falta de orientação familiar, significando um não-acompanhamento dos pais com o desenvolvimento dos filhos. Esse dado confirma, em certo sentido, a tendência identificada em uma pesquisa realizada por Queiroz (1999). Em segundo lugar, aparece a falta de respeito por parte dos alunos e, em terceiro, a ação das gangues.

O teor e o grau das punições imaginadas pelas pessoas no enfrentamento do problema da violência ajudam a compreender melhor o fenômeno. Alguns estudos mostram, por exemplo, que o enfrentamento inadequado da violência reside não apenas na indiferença em relação aos delitos (impunidade), mas também em um imaginário de punições desproporcionalmente severas em relação aos delitos cometidos (sabe-se, por exemplo, que os próprios delinquentes tendem a ser intolerantes ao extremo). A tabela 7 apresenta a opinião dos alunos no que concerne à punição que eles consideram adequada aos respectivos tipos de comportamento desviantes.

Tabela 7 – Punição atribuída a comportamento desviante (%)

Indicador	Não merece punição	Repreensão verbal	Suspensão de aulas	Expulsão da escola	Total
Pegar escondido algum objeto de pouco valor de um colega (algo que custe menos que 50 reais).	0.8	40.8	41.7	16.6	100.0
Danificar de propósito bens da escola, como carteiras, vidraças, banheiros e paredes.	2.6	22.2	50.6	24.7	100.0
Tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa.	9.3	44.1	28.0	0.0	100.0
Ofender alguém por causa da cor da pele.	1.4	19.4	35.6	43.6	100.0
ESCALA DE PUNIÇÃO (0 a 10 pontos) =	3.7 pontos (média)				

No quesito “punição”, os alunos mostraram-se mais rigorosos com as atitudes ligadas à violência racial (ofender alguém por causa da cor da pele). Isso mostra que esses estudantes estão conscientes sobre a problemática do racismo e das suas trágicas conseqüências. Apesar disso, vale observar que 1,4% afirmam não merecer punição aquele indivíduo que comete este tipo de ofensa, o que é preocupante, mesmo sendo um índice baixo.

O item “tentar beijar ou agarrar alguém sem o consentimento da pessoa” foi o que obteve o menor nível de exigência, no que se refere a algum tipo de punição a ser dada. Esse item implica uma das formas de agressão sexual, e é curioso o fato de nenhum aluno ter considerado isso como sendo um caso passível de expulsão da escola.

Por fim, cabe considerar a disposição dos alunos para o enfrentamento do problema da violência. A tabela 8 apresenta alguns indicadores nessa direção.

Tabela 8 – Indicadores de atitude em face da violência (%)

Indicadores	%
Para você, o problema da violência nas escolas é:	
Impossível de ser resolvido	2.2
Difícil de ser resolvido	69.2
Fácil de ser resolvido	14.3
Não sei se pode ser resolvido ou não	14.3
Total	100.0
“Por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se vai cometer um crime ou não.”	
Discordo muito	8.7
Discordo em parte	7.6
Não tenho opinião formada	9.5
Concordo em parte	15.1
Concordo muito	59.1
Total	100.0
“Têm pessoas que são violentas por natureza.”	
Discordo muito	30.9
Discordo em parte	17.4
Não tenho opinião formada	7.6
Concordo em parte	28.9
Concordo muito	15.2
Total	100.0

Analisando os indicadores de atitude em face da violência, os alunos, na sua maioria, percebem a violência nas escolas como um problema difícil de resolver-se, dada a sua complexidade e múltiplas causas envolvidas.

No que concerne às duas afirmações seguintes, a primeira (por mais pobre e sofrida que seja uma pessoa, ela tem sempre a liberdade de escolher se cometerá um crime ou não), houve um elevado índice de concordância. Já na segunda afirmação (há pessoas que são violentas por natureza), as opiniões foram bem divididas. Metade concorda, outra metade discorda da idéia de que existem homens que já nascem com a tendência a serem agressivos/violentas.

Nos três tópicos subseqüentes, abordar-se-á a eventual segmentação na percepção da violência em função do tipo de escola, do ambiente social da escola e do estilo de vida dos jovens.

Tendo em mente, portanto, ser essa a percepção do conjunto dos alunos pesquisados sobre o fenômeno da violência na escola, passou-se a investigar o possível efeito explicativo das variáveis (i) tipo de escola, (ii) ambiente social e (iii) estilo de vida do jovem sobre esse mesmo fenômeno. Porém, tais variáveis serão objetos de análise em outros artigos.

Conclusão

Com relação aos tipos e intensidade de violência percebida, os *xingamentos* destacaram-se como o principal tipo de agressão na escola. Observa-se, com isso, uma forte presença do *bullying* nas escolas estudadas.

Vale destacar a presença de armas de fogo nas escolas, o elevado consumo de álcool e cigarro, além do considerável uso de maconha nos ambientes de ensino.

Cerca de 30% dos alunos já foram vítimas ou cometeram algum tipo de violência na escola. Estes mesmos estudantes, de maneira geral, sentem-se mais seguros em casa do que na escola, e atribuem, como causa principal da violência nas escolas, a falta de orientação familiar.

Apesar do índice de discordância quanto à afirmação “a violência é a mesma, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares” ter sido mais acentuado, as opiniões foram bem divididas.

Dentre as causas atribuídas à violência pelos estudantes, destacou-se a falta de acompanhamento dos pais, o que demonstra a importância do papel da família no processo formativo de todo e qualquer ser humano (CHARLOT, 2002).

Outro ponto que chama muita atenção se refere ao rigor dado pelos estudantes sobre ofensas em virtude da cor da pele. Quase a metade dos discentes afirma que os algozes deverão ser punidos com a expulsão da escola. Isso demonstra a relação entre violência racial e *bullying* escolar.

É importante que novos estudos sejam feitos, e que as questões intrigantes apresentadas neste trabalho e que não obtiveram respostas significativas sejam devidamente elucidadas.

Referências

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. *Adolescentes em manchete (policial)*. In: PAVIANI, A., FERREIRA, I. C. B. e BARRETO, F. F. P. (org.). **Brasília: Dimensões da Violência Urbana**. DF: Editora UnB, 2005.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Interface, Sociologias, Porto Alegre. Ano 04, nº 8, julho/dez 2002.

COSTA, Márcia Regina. **A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?** São Paulo em Perspectiva, 13 (4), pp. 3-12, 1999.

ELZO, J. **El adolescente em la sociedad actual: una visión sociológica**. 2000.

ITANI, Alice. **A violência no imaginário dos agentes educativos**. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 47, pp. 36-50, 1998.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

QUEIROZ, J. Edmar de. **Ocorrência e causas da violência na escola segundo a percepção de uma comunidade escolar**. Brasília, UnB, 1999.

SINGER, Helena. **República de crianças: sobre experiências escolares de resistência**. SP: Mercado das Letras, 2010.

TOURAINÉ, Alain. **Critique de la modernité**, Paris, Fayard, 1992.